

# MODOS DE PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS ESTUDANTES: REFLEXÕES EM TORNO DAS CONDIÇÕES DE INCLUSÃO NA SOCIEDADE

Avance de investigación en curso

GT 22 - Sociologia da infância e juventude.

Maria de Fátima da Silva<sup>1</sup>  
Daniela Maria Ferreira<sup>2</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade compreender a relação entre família, escola e desempenho educacional dos alunos. Para tanto foi aplicado um questionário sociocultural a 42 famílias visando conhecer as propriedades sociais dos familiares e sua relação com a escola. Os resultados, ainda que preliminares, apontam a existência de uma correlação entre o capital cultural familiar, o valor e o significado atribuídos a escola e o desempenho dos estudantes. Além de mostrar a efetividade da relação família-escola como sugere a literatura sociológica sobre o tema, o estudo aponta sua importância para entendermos as condições de inclusão na sociedade.

**Palavras-chave:** Herança cultural familiar; estratégias familiares; destino social.

## 1. Introdução

A presente pesquisa tem por finalidade compreender a relação entre família, escola e desempenho educacional dos alunos. O interesse pelo tema surgiu a partir das inquietações do estágio realizado na Disciplina de Pesquisa e Prática Pedagógica do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco, que visava à construção de um projeto de intervenção junto à coordenação de uma escola da rede municipal do Recife. Este projeto, por sua vez, possibilitou a realização de uma diagnose sobre dificuldades relacionadas ao desempenho escolar de duas turmas, 2º e 5º ano do ensino fundamental, apontando como principal causa à falta de participação dos pais/responsáveis na vida escolar dos estudantes. Em função dessa diagnose, iniciamos uma pesquisa de campo a fim de entender os diferentes modos de participação das famílias na vida escolar desses estudantes e o impacto em seus resultados escolares. Trata-se de um trabalho exploratório, tanto na sua parte teórica quanto na sua parte empírica. A ideia central é lançar luz sobre uma discussão que ainda pode ser desenvolvida e adensada, a partir de um trabalho de maior fôlego.

Antes de apresentarmos os resultados e discussões da pesquisa de campo realizada junto às famílias dos estudantes da escola da rede municipal do Recife, pontuaremos algumas questões, abordadas na literatura sobre a relação família-escola no campo da sociologia, a partir das quais o presente estudo procura dialogar.

## 2. A relação família-escola

---

<sup>1</sup>Estudante de Graduação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco/Brasil. Grupo de Estudo e Pesquisa Família, Escola e Profissão (GEPFEP). [fatima.capi@gmail.com](mailto:fatima.capi@gmail.com)

<sup>2</sup>Professora Adjunta do Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco\Brasil. Grupo de Estudo e Pesquisa Família, Escola e Profissão (GEPFEP). [dmffr@yahoo.fr](mailto:dmffr@yahoo.fr)

Historicamente, a escola e a família, tal qual as conhecemos hoje, são instituições que surgem, com o advento da modernidade, ambas destinadas ao cuidado e educação das crianças e jovens. De fato, coube a escola a função de educar as novas gerações, sobretudo, na medida em que o tempo e competência da família passaram a ser escassos para o cumprimento de tal tarefa. A socialização dos diferentes saberes, necessários à formação das novas gerações, demandava cada vez mais um espaço próprio dedicado ao trabalho de apresentação e sistematização dos conhecimentos dessa natureza, diferente, portanto, daquele organizado pela família.

A necessidade de uma organização voltada à formação física, moral e mental dos indivíduos foi apontada, aproximadamente durante dois séculos, como uma missão praticamente impossível para o âmbito doméstico. Foi, sobretudo, durante o séc. XIX, que a escola assume uma função social profundamente diferente da família e que passa a ocupar o lugar estratégico de formação de recursos humanos necessários para modernizar a sociedade e colocar a Nação nos trilhos do crescimento nacional. Mas, se a discussão sobre a participação da família na vida escolar de seus filhos não é recente, é preciso lembrar que essa participação nem sempre foi encarada com “bons olhos”. Tradicionalmente a escola olhou para a família com certa desconfiança e, quando não teve alternativa, apenas suportou a participação dos pais na condição de ouvintes comportados dos relatos por eles produzidos, acerca da trajetória disciplinar e pedagógica dos alunos.

De fato, como aponta (Nogueira, 2006), raramente essa participação superou os limites de ação beneficente, envolvendo-se com a parte organizacional do projeto curricular da escola. Mas, se num primeiro momento, sobretudo na etapa que antecedeu a massificação do processo institucional, a família fez da escola uma instituição a serviço da monopolização do capital cultural, hoje a escolarização se constitui projeto familiar até mesmo entre os grupos sociais menos favorecidos (BAUDELLOT, 2004). Se antes a família era considerada lócus de construção de moralidade, base indispensável para a garantia do projeto moralizador e civilizacional representado pela escola, nos últimos cinquenta anos passa a ser percebida como parceira indispensável chegando mesmo a ultrapassar os limites de uma educação moral. Além de um sistema de valores e crenças, cabe também à família pensar e executar junto à escola, por exemplo, o processo educacional dos alunos.

O “aprofundamento dos laços que unem essas duas instâncias de socialização infantil e juvenil que são a família e a escola” está, por sua vez, relacionado ao conjunto de mudanças ocorridas em ambas às instituições nas últimas décadas. Conforme aponta Baudelot (2004), a ampliação dos sistemas de ensino nacionais nos últimos anos impulsionado, sobretudo, pelas novas exigências do mercado de trabalho, tem transformado as qualificações em garantia de um lugar na sociedade. Percebido como positivo, tanto em termos econômicos, quanto em termos individuais, o treinamento e as qualificações tornaram-se ferramentas essenciais na promoção de maiores oportunidades na inserção no mercado de trabalho. Isso é verdadeiro, especificamente, para a população da classe trabalhadora que vem concebendo os altos índices de desemprego em falência de um modelo de transição entre a infância e a idade adulta. Esse modelo exigia, por exemplo, que os jovens obtivessem um bom emprego o mais cedo possível para que pudessem trazer um salário para casa e constituir uma família (BAUDELLOT, 2004, p.4).

Neste sentido, a promoção de oportunidades e escolaridade para todos, acarretou uma grande ressignificação no modelo atual de família, sua estrutura, seus integrantes e a sua postura diante dos processos escolares se alargou. A família atual passou a atuar de forma mais assídua na configuração da escola, e os caminhos percorridos pelos alunos, deixam de ser exclusivamente de responsabilidade da escola, dividindo essa tarefa com a família que visam como tática a ascensão social por meio dos seus filhos; “... Estudar não é mais um fim em si mesmo, mas um meio de assegurar promoção ou salvação social” (BAUDELLOT, 2004, p.4).

A realização educacional torna-se assim o principal foco de ação familiar. Tudo se passa como se a geração mais velha fosse aquela que tem o papel de garantir que os mais jovens desfrutem de melhores condições de vida. Nogueira (2006) em seus estudos sobre a família e escola na contemporaneidade, aponta que além da reestruturação produtiva e a extensão da escolaridade, a proibição do trabalho infantil e o fato da família passar de unidade de produção a unidade de consumo, produziram transformações na relação família-escola.

Se, em um primeiro momento, os filhos representavam uma perspectiva de aumento da renda familiar - a escola permanecia praticamente periférica à vida pessoal e profissional da classe trabalhadora, por exemplo - hoje, a educação se tornou um meio de investimento. Os pais, principais agentes investidores, se tornam ainda mais responsáveis pelo êxito ou fracasso escolar e profissional da sua prole. Nesse sentido, a família apresenta-se como influenciadora no processo de escolhas dos seus filhos. Uma vez que o êxito educacional dos filhos representa uma espécie de satisfação pessoal dos pais. A esse respeito Francis Godard (1992) explica: o êxito do filho se constitui em uma espécie de símbolo do êxito pessoal dos pais, do bem fundado de seus valores e de sua concepção de educação; como se esse êxito se tornasse para os pais um critério fundamental de sua autoestima.

Essas transformações veem tornando cada vez mais confusa a maneira pela qual escola e família se percebem e se definem enquanto agências socializadoras, embora ambas defendam a importância e mesmo a necessidade do diálogo e da parceria entre as duas partes, em nome de um ajustamento e de uma coerência entre as ações educativas desenvolvidas por cada uma delas (Nogueira, 2006, p. 157).

Tendo que lidar com o aumento significativo do contingente de alunos da classe trabalhadora e atender as expectativas de promoção do sucesso escolar impostas pelas inúmeras ações estatais (Provinha Brasil, SAEB e SAEPE), a escola tem apontado a família como uma das principais responsáveis pelo “fracasso escolar”, fracasso esse objetivado por meio do rendimento escolar dos alunos, repetências e evasões.

Dito diferentemente é a “falta de participação dos pais” na vida escolar de sua prole, afirmação recorrente nas falas de gestores e professores, que tem se constituído um dos maiores empecilhos na construção de melhores desempenhos educacionais (CARVALHO, 2013).

Por outro lado, parece ser a presença desse discurso que fundamenta aquilo que Resende e Candian (2013), chamam de derrotismo escolar. Percebida como instituição de pouco impacto sobre as atitudes e chances de vida dos alunos, a escola, nessa perspectiva, tem muito pouco a fazer diante da observação das características familiares dos alunos. O diagnóstico social que se faz da família define o resultado escolar: filhos de famílias desfavorecidas do ponto de vista econômico e cultural têm poucas chances de mudarem suas condições de vida a partir da escola, visto que esta última é incapaz de superar os problemas sociais que eles acumulam.

Ao derrotismo escolar soma-se o fato de que a contribuição da família tende a ser percebido pela escola em sua vertente mais disciplinar. É por meio da observação dos pais no acompanhamento das tarefas de casa, nas reuniões pedagógicas, nas festas promovidas pela escola etc., que os educadores tendem a definir o que é participação/contribuição familiar, além de diferenciá-las (NOGUEIRA, 2006). Assim é muito mais pela percepção dos processos de socialização “grosseiros” e diretos e menos pela transmissão indireta e quase “invisível” do incentivo a hábitos de estudos, por exemplo, que a escola constrói sua percepção sobre o que é e deve ser a participação efetiva da família na vida escolar de seus filhos.

No intuito de construir uma reflexão crítica sobre a relação família-escola, o presente estudo procura compreender como se constitui os diferentes modos de participação familiar e sua relação com o desempenho escolar dos alunos.

Neste sentido, falar de modos de participação da família face à escola e sua relação com o desempenho dos alunos significa identificar o conjunto de propriedades sociais e culturais mobilizadas

pelas famílias na construção de sua relação com a escola. Mais ainda, significa conhecer os elementos sociais constitutivos das diferentes visões familiares a respeito do que vem a ser participação, contribuição e parceria escolar. Além de definir participação escolar de maneira disciplinar, por exemplo, que outras formas são possíveis?

A investigação teve como campo empírico uma escola da rede municipal de ensino do Recife. O instrumento escolhido para coletar os dados da pesquisa foi um questionário sociocultural com algumas questões abertas. O público investigado foi uma turma do 2º ano e outra do 5º ano do ensino fundamental. A escolha das turmas se deu em função do diagnóstico elaborado na escola: 1) a turma do 2º ano considerada pelos educadores como uma turma “ruim”, com baixo rendimento escolar e 2) a turma do 5º tida pelos educadores como uma “excelente turma”. Foram coletados dados como: a profissão dos pais/responsáveis, o grau de escolarização, o tempo que faz parte da escola, o que mais gosta na escola e com que frequência vai à escola, esses dados nos ajudaram a compreender alguns dos questionamentos, que nos motivou a fazer a investigação sobre a participação das famílias.

### 3. Resultados e discussões

Antes de adentrarmos na discussão sobre a relação entre o conjunto de propriedades sociais, os modos de participação das famílias e o êxito escolar dos alunos, é preciso conhecer alguns dos elementos sociais característicos da população pesquisada. Assim no que tange a categoria sócio profissional dos pais, chama atenção o grande quantitativo de pais/responsáveis exercendo atividades manuais, como, por exemplo, a profissão de garçom, pedreiro, costureira, depiladora, cabeleireira. Apenas um pai/responsável exerce a profissão de professor, conforme demonstrado na Tabela 1. Este pai/responsável encontra-se na turma do 5º ano; turma considerada pelos professores da instituição pesquisada como sendo aquela que apresenta o melhor índice de desempenho escolar. Além de ocupar, de maneira geral, os estratos ocupacionais de menor prestígio social, os pais/ responsáveis dos alunos investigados apresentam um baixo nível de escolarização.

**Tabela 1- Profissão dos pais/responsáveis dos estudantes**

| Profissão              | 2º ano | 5º ano |
|------------------------|--------|--------|
| Dona de casa           | 4      | 8      |
| Domésticas             | 1      | 3      |
| Serviços Gerais        | 0      | 2      |
| Pescador               | 0      | 1      |
| Cabeleireira           | 1      | 0      |
| Pedreiro               | 0      | 1      |
| Garçom                 | 0      | 1      |
| Costureira             | 0      | 1      |
| Aposentado             | 0      | 1      |
| Depiladora e Manicure  | 0      | 1      |
| Professora             | 0      | 1      |
| Trabalha em colégio    | 1      | 0      |
| Recepcionista de Hotel | 0      | 1      |
| Comerciante            | 0      | 2      |
| Não informou           | 1      | 0      |

Como podemos observar na Tabela 2, a grande maioria dos pais/ responsáveis pelos estudantes não concluíram o ensino fundamental. É, no entanto, entre os estudantes do 5º ano que encontramos uma maior diversidade em termos de escolarização. Assim dos 23 pais/responsáveis investigados, cinco concluíram o ensino fundamental, dois concluíram o ensino médio completo e dois chegaram a ingressar no ensino superior, apesar de não terem concluído. É, portanto, nesse conjunto de estudantes que encontramos a população mais escolarizada da amostra. Embora composto, majoritariamente, por responsáveis do sexo feminino, é interessante perceber que a turma que apresenta o menor desempenho escolar (2º ano) é composta exclusivamente por mulheres. Ao passo que entre os estudantes do 5º ano é possível encontrarmos homens como responsáveis pela escolarização de seus filhos.

**Tabela 2- Grau de escolarização dos pais/ responsáveis dos estudantes**

| <b>Grau de escolaridade</b> | <b>2º ano</b> | <b>5º ano</b> |
|-----------------------------|---------------|---------------|
| Fundamental Incompleto      | 5             | 14            |
| Fundamental Completo        | 1             | 3             |
| Médio Incompleto            | 0             | 2             |
| Médio Completo              | 2             | 2             |
| Superior Incompleto         | 0             | 2             |

Por outro lado, para entendermos como os indicadores sócio profissionais e escolar dos pais/responsáveis funcionam como princípios diferenciadores dos modos de participação das famílias na escola, é preciso levar em consideração a quantidade de tempo que cada responsável tem com a instituição escolar (medido através da quantidade de anos que seus filhos<sup>3</sup> frequentam a escola). Assim, conforme aponta a Tabela 3, é no conjunto dos estudantes do 5º ano, cujos pais/ responsáveis apresentam uma maior diversidade em termos de escolarização, que se localiza aqueles que estão há mais tempo na escola. Dos 23 pesquisados, pelo menos oito tem filhos que estudam na mesma escola há pelo menos seis anos. Já os oito pais/responsáveis do 2º ano a média de tempo de permanência na escola é de três anos. Esses dados parecem indicar não apenas o conhecimento a respeito do espaço escolar, normalmente atrelado ao maior volume de capital cultural familiar - mais visível entre os pais do 5º ano - mas também a preocupação desses pais com a escolha do estabelecimento de ensino. Essa atenção, como afirma Van Zanten (2010) se constitui em uma estratégia comum entre as famílias de classes sociais menos favorecidas na construção de trajetórias escolares longevas. Tudo se passa como se o resultado positivo alcançado na escola pelos alunos sinalizasse, além de um “bom rendimento escolar”- característica associada à turma do 5º ano -, a garantia concreta de que os investimentos feitos (objetivos e subjetivos) estão na direção certa.

**Tabela 3- Tempo de Permanência**

| <b>Tempo que faz parte da escola</b> | <b>2º ano</b> | <b>5º ano</b> |
|--------------------------------------|---------------|---------------|
| Com menos de 1 ano                   | 0             | 4             |
| De 1 a 2 anos                        | 4             | 2             |
| De 3 a 4 anos                        | 3             | 8             |
| De 5 a 6 anos                        | 0             | 5             |
| De 7 a 8 anos                        | 1             | 1             |
| De 9 a 16 anos                       | 0             | 2             |

<sup>3</sup> Ressaltamos que a quantidade de filhos dos responsáveis se refere não apenas aos alunos do 2º e 5º ano, mas também estamos considerando os demais filhos.

De fato, é a correlação entre o grau de instrução dos pais, o tempo de permanência e o conhecimento da instituição de ensino que norteia o conjunto de significados atribuídos por eles ao universo escolar. Esses significados, por sua vez, constituem o sistema de percepção e ação (modos de participação) dos familiares pesquisados diante da vida escolar de seus filhos.

Para coletar os dados relativos aos significados conferidos pela população investigada à escola, foram feitas duas questões: 1) o que os pais/responsáveis mais gostam da escola? e 2) por que gostam?

Quando questionados sobre o que mais gostam da escola, podemos observar na Tabela 4, que são os pais/responsáveis pelos alunos da turma do 5º ano que enfatizam a qualidade do ensino, bem como a qualificação dos docentes em detrimento das dimensões mais pragmáticas, como a proximidade da escola com o lugar de moradia, por exemplo. São entre eles também que encontramos aqueles que dizem gostar da escola em função do tratamento dado pelos gestores e professores. Por outro lado, raramente, os pais da turma do 2º ano atribuem valores semelhantes. Quando indagados sobre o que mais gostam na escola, esses associam a merenda escolar, a segurança da escola (violência) e a distância entre a escola e o lugar em que moram. O gosto, neste sentido, parece manter uma relação bastante estreita com as características socioculturais dos pais e as estratégias de escolarização adotadas por eles (como a escolha e o conhecimento do estabelecimento de ensino dos filhos). Quanto maior e diversificado o nível de escolarização dos pais, mais racionalizada o conjunto de estratégias mobilizadas para promover a escolarização da prole, além de pontuar critérios mais internos ao processo educativo (formação do professor, qualidade de ensino, atividades realizadas em sala, etc.) em detrimento de critérios práticos ou funcionais (Resende, 2011; Ballion, 1986; Nogueira, 1998).

**Tabela 4- Razões atribuídas pelos pais à escolha da escola.**

| O que mais gosta na escola?                   | 2º ano | 5º ano |
|---|--------|--------|
| “Do ensino da escola”                         | 1      | 10     |
| “Dos professores”                             | 1      | 6      |
| “Da atenção dada pela escola aos pais”        | 0      | 3      |
| “Da direção da escola”                        | 1      | 0      |
| “Dos funcionários da escola”                  | 1      | 0      |
| “Da merenda”                                  | 1      | 0      |
| “Da proximidade da escola com lugar que mora” | 1      | 0      |
| “Da segurança da escola”                      | 1      | 0      |
| “De Tudo”                                     | 0      | 1      |
| “Da disciplina”                               | 0      | 1      |
| Não informou                                  | 1      | 3      |

Mas, se o gosto conferido à escolha da escola se constitui dado importante para entendermos os modos de participação das famílias, é, sobretudo, o valor atribuído à passagem pela escola que nos ajuda a entender um dos aspectos fundamentais de participação da família na vida escolar de seus filhos. Assim, a Tabela 5 permite observar que são os pais dos alunos da turma do 5º ano que tendem a perceber a escola como uma via de mobilidade social importante, uma vez que à qualidade de ensino promovida pelo estabelecimento escolar soma-se a conquista de “um bom emprego”, “de um lugar no futuro”. A escola nessa perspectiva se constitui num investimento familiar de peso, tendo em vista que a qualificação é entendida como garantia de lugar na estrutura ocupacional da sociedade.

**Tabela 5: Relação entre as razões atribuídas pelos pais à escolha da escola e os significados atribuídos à passagem pela escola**

| O que mais gosta na escola? | Por quê?   | 5º ano |
|-----------------------------|--|--------|
| “Do ensino da escola”       | “Gosto do método de ensino da escola”                                      | 10     |
|                             | “Os professores são capacitados”   |        |
|                             | “É bom”  |        |
|                             | “Para ser alguém na vida. Para ter uma profissão”                          |        |
|                             | “É o primeiro passo para o futuro”   |        |
|                             | “Sem o ensino ninguém vai a lugar algum”                                   |        |
|                             | “Porque os professores ensinam muito bem”                                  |        |
|                             | “Faz bem para a educação do aluno”   |        |
|                             | “Porque é de boa qualidade”  |        |
| “Dos professores”           | “A professora ensina bem”  | 6      |
|                             | “Porque ela ensina bem”  |        |
|                             | “Porque eles cuidam, ensinam bem os alunos”                                |        |
|                             | “Porque os professores ensinam muito bem”                                  |        |
|                             | “Os professores dão melhor desenvolvimento as crianças”                    |        |
|                             | “Ela ensina bem”   |        |
| “Da atenção dada aos pais”  | “A professora é muito boa com as crianças na sala de aula”                 | 3      |
|                             | “O atendimento é rápido e atencioso”                                       |        |
|                             | “Porque são pessoas legais e responsáveis”                                 |        |
| “De tudo”                   | “Me sinto satisfeita em ter pessoas de confiança cuidando dos meus filhos” | 1      |
| “Da disciplina”             | “Porque cada professor tem sua maneira de trabalhar com seus alunos”       | 1      |

Em oposição aos pais do 5º ano, temos aqueles (Tabela 6) que raramente expõem o que pensam sobre a passagem pela escola. Dos oito que responderam ao questionário, somente metade explicitam os valores atribuídos à escola que frequentam seus filhos. Mesmo assim é possível verificar a ausência de significados que relacionam a escola como agência promotora de alguma mobilidade social. Para esses pais/responsáveis a escola representa muito mais um lugar de cuidado e acolhimento do que a garantia de algum tipo de inserção profissional.

**Tabela 6: Relação entre as razões atribuídas pelos pais à escolha da escola e os significados atribuídos à passagem pela escola**

| O que mais gosta na escola?                   | Por quê?                           | 2º ano |
|---|------------------------------------|--------|
| “Do ensino da escola”                         | “Porque é de boa qualidade”        | 1      |
| “Da professora”                               | “Ela ensina bem”                   | 1      |
| “Da direção da escola”                        | “É muito atenciosa”                | 1      |
| “Dos funcionários da escola”                  | “Eles são pacientes com os alunos” | 1      |
| “Da merenda”                                  | Não informou                       | 1      |
| “Da proximidade da escola com lugar que mora” | Não informou                       | 1      |
| “Da segurança da escola”                      | Não informou                       | 1      |

O conjunto dos dados analisados anteriormente ganha sentido quando os relacionamos com as informações a respeito da frequência com que os pais/responsáveis dos alunos vão à escola (Tabela 7). Todos os 42 pais da amostra vão à escola, embora dois não saibam precisar a frequência. Além disso, tanto os pais da turma do 2º quanto os da turma do 5º ano tendem a ir apenas quando solicitados pela escola. Assim, raramente os pais vão à escola com frequência: dos 42 apenas cinco vão todos os dias (dois pais da turma do 2º ano) e (três pais da turma do 5º ano). A frequência que pode ser interpretado como um indicador de diferenciação em termos de participação da família na vida escolar dos alunos, de fato, não os distingue. Ao contrário, os dados elencados na Tabela 5 sugerem que a parceria da família junto à escola ocorre de forma similar tanto para os alunos da turma do 2º quanto para os alunos do 5º ano, razão pela qual os resultados do desempenho escolar não deveriam apontar tanta divergência.

**Tabela 7- Frequência dos pais dos estudantes na escola**

| Com que frequência vai à escola? | 2º ano | 5º ano |
|----------------------------------|--------|--------|
| Todos os dias                    | 2      | 3      |
| Sempre que solicitado            | 5      | 17     |
| Quase não vai à escola           | 0      | 2      |
| Nunca vai à escola               | 0      | 0      |
| Não Informou                     | 1      | 1      |

Diante disso, podemos inferir que a efetiva participação da família diante da escolarização parece estar associada bem mais ao conjunto de crenças e valores transmitidos aos estudantes por meio de atitudes nem sempre explícitas e disciplinares tal qual concebem boa parte dos educadores da escola. Essas crenças, objetivadas, por exemplo, por meio da relação que algumas famílias fazem entre o uso da escola e o tempo futuro, estão, por sua vez, condicionadas as características sociais e culturais dos grupos familiares. Neste sentido, a diferença dos modos de participação familiares se configura, de fato, na maneira indireta de investir na escolarização da prole. O valor, menor ou maior, atribuído à escola pelos pais é o que vai influenciar e até mesmo orientar as atitudes de seus filhos face à escola. Essas atitudes, por outro lado, quando avaliadas de maneira positiva pelos educandos tende a reforçar a visão positiva dos pais em relação à escola.

Assim, os resultados encontrados, ainda que preliminares, contribui para pensarmos de que maneira essas diversas práticas familiares podem ser apropriadas pela escola no intuito de potencializar as condições de inclusão dos diferentes grupos sociais na sociedade.

## Referências

- BAUDELLOT, Christian. As qualificações aumentam, mas a desigualdade torna-se ainda maior. In: *Proposições*, Campinas, v. 15, n. 02, (44) maio/ago. 2004.
- BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- COSTA, M. Prestígio e hierarquia escolar: estudo de caso sobre diferenças entre escolas em uma rede municipal. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 39, p. 455-469, set./dez. 2008.
- FELIPE, L. H. L. “Mercado escolar”: contornos de um debate no campo educacional. In: *ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 33., 2009, Caxambu. 2009. Disponível em: <[www.anpocs.org.br](http://www.anpocs.org.br)>.
- GODARD, Francis. *La famille – affaire de générations*. Paris: PUF, 1992.
- NOGUEIRA, M. A. A relação família escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. IN: *Análise Social*, Lisboa, v. 40, n. 176, p. 563-578, 2005.
- NOGUEIRA, M. A. Família e escola na contemporaneidade: os meandros de uma relação. In: *Educação e Realidade*, São Paulo, v.31(2):155-170. jul./dez. 2006.
- NOGUEIRA, M.A. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. In: *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 42- 56, jan./abr. 1998.
- RESENDE, T. F., NOGUEIRA, C. M. M., NOGUEIRA, M. A. Escolha do estabelecimento de ensino e perfis familiares: uma faceta a mais das desigualdades escolares. In. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 32, n. 117, p. 953-970, out.-dez. 2011.
- SILVA, N. V.; HASENBALG, C. *Origens e destinos: desigualdades sociais ao longo da vida*. Rio de Janeiro, IUPERJ. 2003.
- SILVA, N. V.; HASENBALG, C. Tendências da desigualdade educacional no Brasil. In: *Dados*, Rio de Janeiro, v. 43, n. 3, p. 423-445, 2000.
- VAN-ZANTEN, Agnès. A escolha dos outros: julgamentos, estratégias e segregações escolares. IN: *Educ. Rev.* Belo Horizonte, vol.26, no.3, Dec. 2010